

Mitos, tradições culturais e sexualidade

Helena Theodoro

Universidade Gama Filho — UGF

Desde que a humanidade passou a refletir sobre si mesma, o corpo, lugar de prazer, vida e fecundidade, mas ao mesmo tempo lugar interdito e espaço onde o mal pode se alojar, tem sido fruto das mais diversas formas de pensar e teorizar. Numa realidade em que o homem detém o poder do pensamento e da palavra, tais reflexões trataram sempre do corpo “da outra” pessoa, espaço do deleite e do pecado, da virtude e da transgressão e nunca do próprio corpo dos pensadores masculinos.

Desta forma, a corporeidade da mulher foi programada para ser expressa com respostas já feitas, prontas e dadas, sendo uma consciência de tudo, com as representações do que foi, do que é e do que será. São, também, representações de sofrimentos, medos e dores que se encontram em nosso imaginário! No entanto, a mulher, por sua capacidade de pensar, sonha, cria mitos, se diferencia dos demais, provocada pelo elán da realidade que não acata todas as representações, já que se é muito mais do que pode render qualquer programação.

A crise em que vivemos hoje demonstra também *o desejo de ser o que não se é*. Desta maneira, as mulheres vêm lutando no mundo todo por sua liberdade de expressão, de trabalho e pela igualdade de exercício da cidadania.

Por outro lado, a mulher negra brasileira, vive em condições de extrema penúria, não fazendo parte deste segmento burguês de que trata o movimento feminista mundial, já que os efeitos sociais da mística feminina por serem profundos e extensos, criam uma polarização que mutila. Assim, a ocupação dona-de-casa assume um significado para a mulher branca e outro para a mulher negra.

A mulher na tradição judaico-cristã

As bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe, desde os mitos da criação, sendo que na igreja cristã temos o mito de Eva:

Eva é feita a partir de uma costela de Adão, suprimindo, porém, sua necessidade de homem, que não deve ficar sozinho. No entanto, ela simboliza a tentação, o pecado da carne, o desejo de sexo, responsável pela perda da paz e da tranqüilidade do homem, representadas pela perda do paraíso terrestre.

Já na mitologia grega, o mito de Pandora já apresentava uma identidade negativa para a mulher:

Pandora, a primeira mulher, é instrumento da vingança de Zeus, sendo a portadora de uma caixa onde se concentravam todos os males que assolam a humanidade.

Tais identificações negativas relativas às mulheres não se limitaram aos mitos da criação, já que os grandes pensadores fizeram questão de situá-las num plano bem inferior:

Platão sugere que a mulher seria a reencarnação da alma de um homem que, em vida anterior, teria sido dissoluto e que agora recebia o castigo;

Aristóteles afirmou que as mulheres e os escravos devem viver para servir a uns poucos privilegiados, além de situar que na relação homem-mulher o homem é o beneficiador e a mulher a beneficiada;

São Tomas de Aquino muda o foco das diferenças entre homens e mulheres, saindo do plano físico para o psicológico, em função das reflexões tomistas em torno da inferioridade física feminina, influenciando profundamente o pensamento renascentista.

Jean Jacques Rousseau dá o tiro de misericórdia, já que ser mulher para ele é ter uma condição esquizofrenizante, pela dicotomia entre ser santa e tentadora...

No entanto, é impossível falar da mulher de forma geral e abstrata, sem levar em consideração sua posição e papel na sociedade. Existem mulheres concretas, inseridas em situações econômicas sociais distintas e que sofrem diversas formas de opressão e de assédio sexual. Ao se pensar, porém, em condição feminina no Brasil, tem que se pensar na mulher como trabalhadora e situar a mulher negra como a que se encontra no patamar da condição de operária de baixa renda, na situação de mulher chefe de família, estreitamente ligada à pobreza e profundamente discriminada pela sua cultura e etnia, além de sobre ela recair o mito da mulata, dona de uma sexualidade exacerbada.

As teorias das representações sociais

As teorias da representação social são fruto da vivência das contradições existentes no dia-a-dia dos grupos sociais. É a presença do “outro”(a alteridade) que marca o território possível da representação social, segundo Jovchelovitch(1997). É o outro generalizado que permite ao sujeito uma unidade enquanto EU, já que não há desenvolvimento do EU sem a internalização de Outros. Daí a importância de uma comunidade que evidencie um “nós” necessário a cada pessoa que se desenvolve, atestando “*que vidas privadas não surgem a partir de dentro, mas a partir de fora, isto é, em público*”(pg.70).

Todas as representações que as instituições elaboram têm a marca da tensão, dando-lhe um sentido e buscando mantê-la nos limites do suportável. O conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. Todas as culturas possuem instituições e normas formais que levam, de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização (MOSCOVICI,1997).

As representações sociais, enquanto imagens construídas sobre o real, não são necessariamente conscientes. Podem ter sido elaboradas por filósofos ou ideólogos de uma época, atravessando, no entanto, a sociedade ou um determinado grupo social, como algo anterior, tradicional, habitual, que se reproduz a partir das estruturas e categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos, como situa Souza(1999) em sua tese de mestrado sobre a representação social da sexualidade na tradição-judaico cristã.

Para Moscovici criamos representações para transformar algo não familiar, ou a própria não-familiaridade, em familiar. Tornar familiar é tornar presente em nosso universo interior o que se encontra distante de nós, o que está ausente. Representar um objeto é conferir-lhe o status de um signo, é torná-lo significativo, logicamente, dominá-lo, tornando-o nosso.

A resistência é uma característica da representação social que, contraditoriamente, garante a heterogeneidade dos grupos, evitando a aculturação imposta pelas ideologias dominantes.

O corpo expropriado da mulher na tradição judaico-cristã

Os pronunciamentos e práticas da tradição judaico-cristão em relação ao uso do corpo afetaram as atitudes sociais contemporâneas, no que se refere à sexualidade feminina, bem como a própria percepção da mulher sobre si mesma.

Após séculos de inferiorização e subordinação aos homens, as mulheres se subjetivaram a partir de uma visão religiosa que as identificam como subproduto do homem, aquela que foi feita da costela de Adão, a que caiu em tentação expulsando o homem do paraíso, a que levou o pecado original como herança aos seus descendentes. Assim, a mulher representa a desobediência, o pecado e a culpa.

Em contrapartida a Igreja católica, por volta do século XIV e XV, constrói uma outra identidade feminina mítica: a Virgem Maria – Mãe de Cristo, Mãe da Igreja, Mãe dos pobres e infelizes do planeta, que podem ser absolvidos do pecado original, desde que se convertam às normas da Igreja. As mulheres irão alcançar a salvação ao acatar o ideal de feminilidade de Maria, o que pressupõe uma destituição da sexualidade e do prazer, mantendo apenas a função de procriar – o lugar da maternidade, o lugar da Virgem Maria.

As representações sociais da sexualidade feminina que circulam em nossa sociedade, estão ancoradas nos discursos desta tradição judaico-cristã, sendo desfavoráveis à mulher, dicotomizando-a como santa ou prostituta.

O corpo feminino vai ser considerado interdito, não devendo ser exposto, já que ele não pertence à mulher: ou pertence ao Demônio ou a Deus. O corpo dominado pelo demônio submeterá a vontade da mulher aos desígnios da paixão, do prazer, transformando-a numa ameaça, responsável pelos pecados do homem, assim como Eva ao tentar Adão sob influência da serpente.

O lugar mítico da Virgem Maria reinsere a mulher na maternidade, construindo o consenso do instinto maternal. A sexualidade se justifica, com o objetivo de um único fim: procriar. O ideal de Maria, sua Santidade, é a maternidade imaculada ou a dessexualização do corpo feminino. A mulher busca no ideal de Maria a possibilidade de salvar-se da culpa de gerar filhos em pecado. A fim de redimir-se, domestica sua sexualidade aos propósitos de Deus, nega-se ao prazer, surgindo a “*mulher ideal*”: geradora de filhos, companheira do marido, administradora do lar. Essa identidade de mulher ideal nega o ato sexual, dessexualizando o corpo, que deve ser santificado. A identidade sexual feminina é reduzida ao espaço da maternidade, único lugar que lhe é outorgado pela sociedade.

Como situa Foucault (1996) a sexualidade, além de biopsicológica, também é uma forma de manifestação social e histórica, não se podendo abandonar seu contexto sócio-cultural. Para a Igreja Católica, a sexualidade é, ainda em nossos dias, concebida segundo o paradigma filosófico de São Tomás de Aquino. A representação social hegemônica da identidade feminina disfarça os desejos, as ambigüidades, as ambivalências, tornando o corpo um corpo dominado, que deve incorporar os modelos do consenso social, pautado num destino social reservado há muito tempo, sem deixar espaços para outros caminhos.

A busca de emancipação por parte das mulheres, nas diversas fases de sua história, provocou uma série de tomadas de posição. Assim, para as doutrinas católica e protestante, a manutenção da submissão da mulher ao homem, resiste a mudanças e alcança a contemporaneidade na reconstrução das representações sociais da sexualidade feminina, impondo uma cisão rigorosa nos papéis masculino e feminino.

A Igreja Católica se impõe, situando as questões de gênero numa perspectiva inteiramente patriarcal, indicando a dominação masculina como “atitude natural” ou uma experiência excluída de questionamentos e reconhecida como absolutamente legítima. A prova disto é dada pelo induzimento de mulheres estupradas a terem os bebês, fruto de estupro ou incesto, através de trabalho educativo maciço e fornecimento de apoio financeiro. O silêncio consentido das próprias mulheres violentadas, a desonra póstuma da mulher no julgamento de seus assassinatos, que, até nos anos noventa, contaram com os homens absolvidos com a tese de legítima defesa da honra, indicam uma prática cotidiana consensual, compartilhada pelo pensamento social que legitima a Representação Social Hegemônica do corpo-expropriado.

Mulher, tradição de base africana e mitos de sexualidade

O mito da mulher negra super sexuada, construído ao longo da história, se origina da visão existente no período escravista que a considerava coisa, numa sociedade patriarcal, onde sempre predominou o poder do homem sobre a mulher, independente desta ser escrava ou senhora. Ambas tinham a obrigação de servir ao senhor. No entanto, em função das limitações estabelecidas pela igreja em relação ao sexo no casamento, que seria apenas para procriação, a escrava era usada para satisfazer as necessidades sexuais dos senhores.

Num contexto de valores morais e religiosos rígidos, vai recair sobre a negra a responsabilidade do desejo do senhor, que justifica seus atos como inevitáveis diante da intensa sensualidade da escrava, que fica à mercê dos senhores e de seus filhos, além de despertar o ciúme e a inveja da senhora, o que gera os mais bárbaros crimes de tortura e todo o tipo de violência contra as escravas no Brasil.

A relação escrava-objeto sexual representava, aos olhos da senhora, uma ameaça aos laços abençoados e sacramentados da família branca, mas o fato da Igreja proibir relações sexuais com realização sexual do casal, levou os senhores ao uso contínuo das escravas como fonte contínua de prazer, além de gerar nas esposas uma aceitação social não explícita à infidelidade conjugal dos maridos.

A atuação sexual diferenciada entre negras e brancas situa a função que ocupavam na sociedade: mulher branca era educada para ser dona da casa e mãe de família, sendo proibida de manter relações sexuais antes do casamento. As mulheres brancas casavam-se muito cedo e aos vinte anos, se já não tivessem seus maridos eram consideradas solteironas. Seu lugar era o da submissão e de dona de casa exímia, tolerante com as transgressões sexuais do marido.

Quanto à mulher escrava era objeto sexual, ama de leite dos filhos da senhora, empregada doméstica, gerando o ditado:

Mulher negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar.

À cultura pertencem a religião, sua hierarquia e padrões. O sagrado é sempre um refúgio universal. É a força de criação da realidade. É sempre o corpo, a matéria. É o sagrado que resiste quanto o corpo treme, que não agride quando o corpo se revolta. É o sagrado que não agride e o homem só cria na dimensão do sagrado.

Em muitas partes da África a arte é inseparável da vida por sua associação com o sagrado.

Os mitos negros da criação contam *que um criador criou as pessoas e depois colocou alma nelas*. A gravidez é vista como o tempo em que o ser supremo cria as pessoas: as mães são levadas, em certas regiões como Luba no Zaire, a fazerem bonecas bonitas para terem filhos bonitos.. Assim, a arte é usada para mediar este mundo com o próximo.

A mulher negra propõe o seu mundo através do conjunto de elementos que compõe o papel *mulher*, assumido entretanto, sem indefinições, mas sim como o de uma mulher que vive este papel *segundo as possibilidades/oportunidades* que lhe são acessíveis ao nível do consumo.

Segundo os mitos africanos a luta pela supremacia entre os sexos é constante, estando simbolizada na igbá-odu (cabaça da criação), já que o orixá *Odudua*, princípio feminino de onde tudo se cria – representação coletiva das Iyá-mi (mães ancestrais) – é a metade inferior da cabaça, e *Obatalá* ou *Oxalá*, princípio masculino, a metade superior.

Para os iorubá no Brasil, a palavra ona representa arte feita por Olorum, ser supremo. Ele não cria diretamente, atuando através dos orixás. Oxalá usa a argila para moldar as pessoas e depois coloca Emi, a respiração. A prece feita para as mulheres grávidas é a seguinte:

Que Oxalá faça em mim um bom trabalho de arte: é a Arte das Geledes.(mães ancestrais – Iya-Mi).

A imagem humana é uma peça de arte feita por Oxalá, manifestando a capacidade de criar, transformando o mundo, o IIÊ Aiyê, no que é hoje.

As mulheres são portadoras de muito AXÉ e viabilizam sua expansão e preservação através dos rituais. O ritual é simbólico e a força da mulher nos cultos de base africana vai aparecer e sobressair, pelo princípio de equilíbrio de forças e pelo respeito aos papéis que desempenha. Faz de cada sujeito parte de um espaço que abriga a todos. Por meio de palavras, gestos, sons, objetos, cânticos e movimentos, reconstróem a vida, recriam a mundo, libertam o ser humano, integrando-o a seu grupo.

Através das danças rituais as mulheres incorporam a *força cósmica*, criando possibilidades de realização e mudança, fazendo de seu corpo um *território livre*, próprio do ritmo, *liberto de correntes*.

Tradição do Ocidente e sociedade Gélèdès

Para falar de mistério, do maravilhoso, do sagrado, volto a 1932, quando no Centro de Sociologia da Cultura, em Paris, Roger Callois e Michel Maffesoli estudavam a categoria do sagrado e do profano e suas implicações com o imaginário social do povo. Algumas considerações sobre o assunto aparecem em meu livro *Mito e espiritualidade: mulheres negras* (Pallas,1996) que trata exatamente da especificidade do ser humano ao fazer as coisas diferentes de cultura para cultura e de crença para crença, ao invés do que a igreja estabelece: que há uma identidade entre orixás e os santos. São elementos de culturas muito diversas. Tal fato é de muita complexidade, já que é uma outra tradição e nós podemos encontrar uma mesma raiz para tradução, tradição e traição.

Sendo assim, a tradição de cada povo, como a língua de cada povo, está diretamente ligada ao seu real, está ligada àquela possibilidade que cada um tem de ver o mundo, de lidar com o cotidiano, de sentir emoção e que tem uma maneira muito própria de ser, já que nos faz ser igual a todo mundo e ser ao mesmo tempo diferente

A relação dos orixás Odudua/Obatalá, não é simplesmente uma relação de acasalamento entre princípio feminino e masculino.. Eles representam a *Igbadu* (a cabaça da existência). Esta relação, então, vai muito mais longe. Há um princípio de completude do outro, de que a vida se constrói de mãos dadas e que cada um de nós na medida em que estabelece esta relação, estabelece um elo mais completo com as coisas que estão à volta. Significa todo um processo de equilíbrio e de harmonia.

Para se entender bem esta relação, quero situar as mulheres do ritual *gélèdès*, que representam o culto às Yàmi, as grandes mães ancestrais.

Odudua simboliza a grande representante do princípio feminino, sendo o elemento responsável por todo o poder criador, pelo poder das mulheres, liderando o movimento das Iyá-mi, das grandes mães ancestrais.

Então se pode observar em aspectos da sociedade Gélèdes, um ritual de mulheres vestindo panos coloridos – os diferentes panos mostram as diferentes procedências, as diferentes raízes que as pessoas podem ter na maternidade – a máscara Gélèdès, que cobre a cabeça de cada mulher, e que vai representar o que o Roger Callois chama de *mistério*, *maravilhoso*, aqui no caso, dentro da cultura negra.

O uso da máscara mostra que eu estou aqui, agora, não falando da minha essência que está aqui, mas que estou representando o outro espaço, um espaço vivo, um espaço invisível que é aqui mesmo, que eu não conheço mas sinto!

Sem o poder feminino que tem a mulher, sem o princípio de criação não brotam plantas, os animais não se reproduzem, a humanidade não tem continuidade. Logo, o princípio feminino é o princípio da criação e preservação do mundo: sem a mulher não existe vida, devendo por isso a mulher ser reverenciada e neste culto de Gélèdès temos representada a relação com a reverência que os homens têm para com as mulheres, já que somente elas criam, transformam, modificam as coisas.

As Gélèdes e suas máscaras se tornam uma metáfora, sendo uma linguagem para a mãe natureza. O ojá é um símbolo das Gélèdes porque personifica o útero, pois ele carrega as crianças e as protege. Através das Iyá-mi (mães ancestrais) a arte é usada para aglutinar as pessoas que se relacionam como filhos de uma mesma mãe, fazendo com que o espírito se manifeste através da máscara, seguindo e alimentando o espírito humano. Representam o não uso da violência para resolver questões.

O corpo de uma mulher sentada ou de pernas dobradas simboliza proteção e espi-ritualidade da história de um povo: é a identidade da mulher que guarda o presente e o futuro. A mulher é a política e a mulher é o cotidiano. Em todos os lugares a mulher está presente. As máscaras tem grande importância na vida religiosa, social e política da comunidade, mostrando diferentes categorias de mulher:

mulher secreta – ligada ao divino, serve como passagem e receptáculo do sagrado no mundo dos vivos, por gerar frutos.

mulher símbolo político – não usa violência para resolver as questões, aglutinando as pessoas, vivendo o cotidiano.

mulher sagrada – símbolo de todos os tempos, pois está virada para o futuro, sempre vulnerável e frágil, mas é aquela que abre o céu (orum) e deixa lugar para a mudança, o futuro, para a transformação.

A sexualidade da mulher negra faz parte da sua essência de princípio feminino, sendo muitos os mitos que representam a função e o papel mulher vista como útero fecundado, cabaça que contém e é contida, responsável pela continuidade da espécie e pela sobrevivência da comunidade. Não existe pecado na sexualidade, já que é indispensável à preservação e continuidade do grupo.

As comunidades-terreiros se constituem num verdadeiro sistema de alianças, que varia segundo sejam de “variáveis homogêneas” (candomblés) ou “variáveis heterogêneas”(umbanda). Desde a simples condição de “irmão de santo” até a mais complexa organização hierárquica, há o estabelecimento de um parentesco comunitário, como uma recriação das linhagens e da família extensiva africana. Os laços de sangue são substituídos pelos de participação na comunidade, de acordo com a antiguidade, as obrigações e a linhagem iniciática. Todos estão unidos por laços de iniciação às divindades cultuadas, aos demais iniciados, às autoridades, aos antepassados e aos ancestrais da comunidade.

Algumas máscaras Gélèdes representam a adaptação ao sentido da vida moderna, como por exemplo, a presença de um avião, na parte superior da máscara, simbolizando que a mulher cria tecnologia, que o poder de criação da tecnologia é muito importante e totalmente pertinente com a tradição, se você entende tradição como preservação e adequação do conhecimento. Mostram que o entendimento do papel de cada um de nós no mundo transcende a um determinado momento histórico e que o progresso não prescinde da tradição. É preciso manter determinados valores e conceitos, bem como eliminar valores que não são importantes para a vida e para a felicidade da humanidade.

Assim, temos todo um sentido de manifestação das mulheres, do grupo da energia das mulheres, rodando, dançando, se integrando com o cosmos, mostrando que temos consciência de que somos elementos dinâmicos, de que o movimento da roda – já que as mulheres são os elementos que dançam no candomblé em círculo – representa o altar da criação, da vida, e que as mulheres significam, no momento em que giram e giram para a esquerda, aqueles elementos que estão à esquerda de Olorum, da energia suprema, que seria Deus. As mulheres cantam, rezam e dançam, mostrando sua integração com o cosmos, já que a terra está em movimento, o universo está em movimento e eu só conseguirei estar em sintonia com o universo através do movimento.

Mulher, sexualidade e prazer

Em pesquisa desenvolvida no Mestrado de Sexologia da Universidade Gama Filho por Círia Teixeira Pinto e Marise Bezerra Jurberg(1997) sobre *Sexualidade na menopausa* foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, onde se buscou. investigar os mitos e as crenças sobre a mulher no climatério e na menopausa, e principalmente, suas queixas sexuais. A conclusão apontou a necessidade de educação sexual do indivíduo, que permita um novo olhar sobre o uso de seu corpo e a realização de seus desejos., a fim de modificar a concepção de que a sexualidade não existe na mulher de meia – idade. Apesar de haver uma maior aceitação do prazer entre as cem mulheres entrevistadas, constatou-se que “o casar virgem” é ainda um comportamento aceito por mais de 75% delas. Apesar da maioria não considerar a menopausa como uma doença, a grande maioria situou que depois da menopausa o prazer pelo sexo e a vontade de passear diminuiriam, aumentando os hábitos de cuidar da casa, ir à igreja e cuidar dos netos.

A amostra era de mulheres de baixa renda, ligadas à tradição judaico-cristã, sendo que 1/3 não trabalha fora de casa e as demais fazem atividades esporádicas para ajudar no orçamento familiar trabalhando apenas em meio expediente. A grande maioria coabita com os filhos e parentes, não vivendo com os maridos. A análise do resultado da pesquisa

mostra como a identidade feminina determinada pela representação social hegemônica perpetua a dicotomia mulher santa ou prostituta, mãe de família ou mulher da rua.

Em estudos de caso, feito entre mulheres negras de comunidade-terreiro e escolas de samba, apresentados em meu livro *Mito e Espiritualidade: mulheres negras*, pude constatar como a visão de mundo destas mulheres não é fatalista, como se consideram donas de seu próprio destino e como exercem plenamente sua sexualidade apesar de estarem no climatério. Aprofundamos o estudo com Theresa Santos, assessora de cultura afro-brasileira da Secretaria de Cultura de São Paulo, uma liderança política e cultural na cidade de São Paulo, bem como com Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Axé Opo Afonjá, um dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Salvador, em São Gonçalo do Retiro, Bahia .

A presença e a participação de mulheres ligadas á tradição afro-brasileira se revela pelo próprio destaque que encontram em suas atividades comunitárias, sejam as cantoras Alcione, Leci Brandão e Elza Soares, as poetisas Elisa Lucinda e Geni Gujimarães, a vereadora Jurema Batista, ou as atrizes Edir de Castro, Zezé Motta e Chica Xavier, também situadas no estudo de casos desenvolvido.

A análise dos diferentes perfis, situou como pontos comuns:

- Participação em cultos de base africana, de bases homogêneas (candomblé) ou de bases heterogêneas (umbanda, candomblé de caboclo etc).
- Profundo envolvimento com a comunidade, com atuações distintas das atividades profissionais (direção de escolas de samba mirins, criação de ONGs, escolinhas de arte comunitárias, criação e direção de museus negros, organização de centros culturais)
- Rígidos códigos de ética relacionados às suas crenças religiosas
- Exercício de um a sexualidade sem culpas, após os 45 anos
- Harmonização dos seus papéis como profissionais, mães, avós , membros atuantes da comunidade e mulheres plenas de sexualidade
- Tem uma relação fácil e consciente com o seu próprio corpo, que consideram liberto e versátil.
- Vivem e deixam viver.

Conclusão

O cotidiano e o imaginário de mulheres negras e brancas revelam os diferentes usos do corpo e da sexualidade em nossa sociedade. A tradição judaico-cristã determina as posições para dormir, ficar de pé, sentar e descansar segundo suas formas de expressão. Assim, o que é sexualmente excitante e estimulante numa cultura, é repelente e vergonhoso em outra. Assim, os indivíduos nascidos em sociedades diversas, sujeitos a diferentes tradições, apresentam hábitos e costumes corporais distintos, sendo que as religiões são responsáveis pela compreensão da sociedade, sendo um fato social. Nele a ordem fisiológica material se une à ordem ideológica moral, como signos nos quais se encontram e se reúnem o sensível e o inteligível, o significante e o significado. Nele estabelece-se o diálogo do ser com o dever ser.

O corpo significa ao mesmo tempo Vida e Morte, o normal e o patológico, o sagrado e o profano, o puro e o impuro. As práticas corporais são ritos que imprimem ao ser humano uma certa consciência visceral do mundo, altamente estruturada, codificada, rigorosa e socializada, em que as possibilidades de escolha são limitadas a mínimos parâmetros, porque qualquer liberdade é altamente significativa e põe em risco a totalidade do sistema de ordenação do mundo. Cada tradição lida com seus ritos sobre o corpo, interditando-o ou não. Convivemos aqui com diferentes formas de lidar com ele, em função das crenças religiosas, que geram valores, atitudes e estabelecem toda a ordem e a contra-ordem social. São representações sociais diversas.

A sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. São codificações lógicas e morais.

Referências Bibliográficas:

JOVCHELOVITCH, S.(org). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.31-85

FOUCAUL, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

LUZ, M.A. *Agadá - Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1995.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P.A., JOVCHELOVITCH, S.(org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.7-16

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

RODRIGUES, J.C. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

_____. *Ensaio em Antropologia do Poder*. Rio de Janeiro: Terra Nova Editora, 1992.

SANTOS, J. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1977.

THEODORO, H. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1996.